

**POR UMA FORMAÇÃO NÃO
FASCISTA: EXPERIMENTAÇÕES
DOCENTES NA CIBERCULTURA***

Felipe da Silva Ponte de Carvalho**
Fernando Pocahy***
Edméa Oliveira dos Santos****

<http://dx.doi.org/10.18224/educ.v2013.6846>

Resumo: *a cibercultura é a cultura contemporânea conectada pelas redes digitais, cultura que vem sendo marcada também por práticas de viés fascistas: racismo; machismo, LGBTIfobia, violência contra a mulher, xenofobia... Nesse sentido, esta pesquisa-formação na cibercultura tem como objetivo pensar-fazer a formação docente não fascista em tempos de cibercultura, a partir do cuidado de si, vida não fascista, cidadania horizontal, docência online e partilha. A pesquisa foi realizada com cursistas da disciplina de Informática na Educação do curso de Pedagogia Uerj/Cederj/UAB, por meio de duas ambiências híbridas-formativas em atos de currículo, que constituíram a “Aula 2 - Fascismo em rede”, criada pela plataforma Moodle, composta por artigos, vídeos, fórum de discussão e produção de histórias em quadrinhos. Ao experiencarmos o cotidiano desta pesquisa-formação encontramos: narrativas de cursistas que articulavam ideias para uma prática docente não fascista; narrativas da escola como um espaço-tempo plural e de problematização; ações cotidianas para discutir o fascismo que está em nós, em nossas práticas. Estas narrativas nos remetem*

* Recebido em: 05.08.2018. Aprovado em: 09.08.2018.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ). Mestre em Educação pelo ProPed/UERJ. Bolsista FAPERJ. *E-mail:* felipesilvaponte@gmail.com

*** Doutor em Educação e Mestre em Psicologia Social e Institucional, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ). *E-mail:* fernando.pocahy@gmail.com

**** Doutora em Educação pela UFBA. Pós-doutora em e-learning e EAD pela UAB-PT. Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC). *E-mail:* edmeabaiana@gmail.com

a reflexões em torno de uma formação voltada para mais participação social em rede, inclusiva, múltipla.

Palavras-chave: Pesquisa-formação na cibercultura. Fascismo. Cidadania horizontal em rede. Cuidado de si. Formação docente online.

TESSITURAS INICIAIS: PROBLEMATIZAÇÕES – A (DE/TRANS) FORMAÇÃO

A contemporaneidade vem sendo marcada por uma profusão de linguagens, compondo novas expressões culturais – oralidade, textualidades impressas e outras mídias. Na “cibercultura”, “cultura digital” ou “sociedade em rede” (LEMOS, 2007; 2008; 2010; LÉVY, 1999; SANTAELLA, 2010; LUCENA, 2014; CASTELLS, 2015) essas formas coexistem, convivem e sincronizam-se muitas vezes em uma mesma ambiência cultural mediada pelas redes digitais hipercomplexas, híbridas e em constante transformação (RIBEIRO; CARVALHO; SANTOS, 2018). Tal ambiência *sociotécnica* vem reconfigurando a comunicação, a produção de subjetividades, afetos e desejos, o modo como estudamos, consumimos bens e serviços e como nos relacionamos com outras pessoas e ambiências.

A partir da cibercultura, como pensar-fazer uma formação docente não fascista? Para responder a essa questão, nos movimentos através do método da pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2014; SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016), o qual articula a docência ao ato de pesquisar. Nesse método, o docente-pesquisador atua como praticante cultural produzindo dados em rede com xs¹ interlocutorxs² da pesquisa e compreende que esses mesmos interlocutores da pesquisa não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa, de acordo com Santos (2014). Na pesquisa-formação na cibercultura, o/a docente-pesquisador/a está implicado com a formação dxs formandxs que estudam, interagem, produzem e criam conhecimentos em rede, que são autorxs-sujeitos de suas práticas, as quais ao mesmo tempo atravessam as práticas dx formadorx-pesquisadorx e as transformam neste processo, segundo Santos, Carvalho e Pimentel (2016).

A pesquisa-formação em tela é constituída de duas entradas de problematização, ambas situadas nos termos postos pela cibercultura. A primeira consiste em acompanhar práticas de determinados grupos

que, igualmente a tantos outros grupos, fazem uso do ciberespaço como plataforma de enunciação coletiva. No entanto, nosso interesse está para aquilo que hoje se constitui em movimentos de enunciação a produzir pânico moral, violências de gênero, racismo, xenofobia, machismo, atacar religiões não-cristãs (principalmente as de matrizes africanas), instituições públicas – desde de universidade a museus, propagação de ódio aos direitos humanos, dentre outros. Em seguida, apresentamos de forma analítica movimentos cotidianos de formação docente a que estamos denominando tessitura para uma vida não-fascista’, apoiados/as nas contribuições Michel Foucault (1993).

Essas tessituras correspondem a práticas de docência *online* em tempos de cibercultura (SILVA, 2009), a partir de um curso de formação docente para a habilitação em pedagogia. Buscamos com esta (auto-) experimentação algo de um certo pensar-fazer não-fascista na/com prática docente. Aposta essa que tem como princípios a cidadania horizontal (SILVA NETO, 2016), o cuidado de si (FOUCAULT, 2006; GALLO, 2015) e a partilha (NÓVOA, 2003), elementos constituintes de horizontes éticos-estéticos e políticos estabelecidos no encontro com um determinado grupo. A isso podemos ainda denominar exercício parresíástico – em construir coletivamente uma prática agonística do dizer a verdade (sobre si no mundo, com o mundo), conforme explicitado na Seção 1.

Como possibilidades de experienciar práticas não fascistas na formação docente, tomamos o exemplo de uma aula ministrada: “Aula 2 – Fascismo em rede: discurso de ódio”, que no seu curso aborda a violência contra as mulheres, cultura do estupro, linguagens dos jogos fascistas, a xenofobia. Tomamos esta experimentação respaldados/as na noção de atos de currículo (MACEDO, 2013) na educação online (SANTOS, 2006; 2014; SILVA, 2009), entendendo o currículo como prática de significação e produção de subjetividades, espaço-tempo onde o conhecimento é entendido como acontecimento, exposto na Seção 2.

Como desdobramentos da “Aula 2 – Fascismo em rede: discurso de ódio”, encontramos narrativas de cursistas que articulavam ideias para uma prática docente não fascista; da escola como um espaço-tempo plural e de problematização; e ações cotidianas para discutir o fascismo que está em nós, em nossas práticas, apresentadas na Seção 3. Por fim, tecemos argumentamos com base nestas experimentações de pesquisa que nos abrem possibilidades de reflexões sobre si para uma vida docente não fascista, como forma de ampliação das margens de liberdade do si na relação com outrem, discutidas na Seção “(In)conclusões”.

CIDADANIA HORIZONTAL E CUIDADOS DE SI NA PRÁTICA DOCENTE ONLINE: REFLEXÕES E TENSÕES SOBRE A FORMAÇÃO

As evidências que colocamos em tela neste estudo dizem respeito aos modos de operação política e ao desejo de governar a vontade dos/das outros/as (FOUCAULT, 1999), notadamente a partir de enunciados partilhados por grupos e coletivos, desde de linhas mais progressistas até mais reacionárias (fascistas). Com o recente golpe de 2016, o esgarçamento das relações sociais por conta do cenário político polarizado e as emergências de movimentos ultraconservadores, é possível notar o grande crescimento do desejo de governar o outro, sobretudo de viés fascista, cujas práticas estão voltadas ao ódio às diferenças.

Esse desejo fascista vai ao encontro das discussões que Guattari (1987) propõe em relação ao fascismo de si, ou do fascismo que vive dentro de nós, conforme salienta Foucault (1993), que se encontra em todos os lugares, em nossos múltiplos cotidianos: igrejas, partidos políticos, escola, família, trabalho, relações de amizade, rede social digital..., constituindo, assim, redes complexas que nos (de)formam no decorrer de nossas experimentações diárias. É preciso ressaltar que as práticas fascistas que habitam nossos cotidianos e nossos corpos são práticas que rompem com o respeito ao(à) out(x), a liberdade de existir, a ética e o pacto democrático.

Com a cibercultura, o fascismo se dá em rede. Um ciberfascismo que deseja, antes de tudo, a norma. Aquilo que foge da norma é visto como algo desprezível, sujo, abjeto, anormal e que tem que ser eliminado, higienizado, limpo. Norma que seleciona e classifica vidas, produzindo um amplo acesso à cidadania para algumas vidas (homem branco, heterossexual, cristão...) e restrições à cidadania para outras vidas (mulheres, sobretudo negras, LGBTI+, juventude negra, indígenas...). Logo, essas vidas 'ditas' marginalizadas, excluídas do amplo acesso à cidadania 'garantida' pelo Estado, vistas, marcadas e nomeadas como diferentes por não se enquadrarem às normas de gênero, sexualidade, raça, classe entre outros marcadores sociais devem ser letalizadas.

Na contemporaneidade, a letalização da vida tem se tornado prática do nosso atual Estado de Exceção e (ultra)neoliberal, essa anomalia transformou-se em norma (AGAMBEN, 2004), que não é mais composta somente por uma biopolítica (FOUCAULT, 2017), o direito de fazer viver, mas também é parte de uma necropolítica (MBEMBE, 2016),

política do extermínio, ou melhor, por uma necrobiopolítica (BENTO, 2018). Com isso, estamos querendo argumentar que, para que determinados grupos privilegiados tenham ampla acesso ao Estado, é preciso que outros grupos paguem por isso, inclusive com a própria vida. São grupos que atuam na produção de discursos a marcar letalmente as diferenças (POCAHY, 2018) e as minorias.

Partimos do pressuposto de que estes grupos lutam para manter seus privilégios, em nome da moral, dos valores, dos costumes e da família tradicional. A guerra epistêmica promovida por esses grupos fascistas é pensada a partir da matriz hegemônica hetero(cis)normativ³, branca, cristã, colonizadora, neoliberal, voltada para regular a conduta, sexualidade e desejos dos corpos e para uma política de extermínio. As ações e os discursos promovidos por esses grupos se desdobram em (micro)atos de violência cotidiana, que são praticados por sujeitos que se sentem ‘autorizados’ a enquadrar vidas que não importam, que não têm o direito de exercer sua cidadania, vidas precárias (BUTLER, 2015; 2016), corpos abjetos (POCAHY; DORNELLES, 2017), corpos desviantes, anormais e estranhos (LOURO, 2013), sujeitos desviados (PRECIADO, 2017), ou seja, travesti, população de rua, negro, estrangeiro, mulheres...

A partir dessa trama complexa do nosso tempo, como podemos pensar em alternativas que forneçam caminhos para outras formas de acesso à cidadania em nosso Estado marcado fortemente por múltiplas formas de exclusão?

A questão abre possibilidades para múltiplas entradas e saídas de tensionamentos, não queremos, com isso, dar uma resposta pronta, mas sim criar conexões e problematizações que contribuam para aprofundar as discussões. Para refletir sobre a questão, estamos apostando nas ideias apontadas por Silva Neto (2016) em relação à “cidadania horizontal”. Para este autor, o homem, o súbito e o sujeito se estabelecem na cidadania, encarnados numa mesma entidade humana que atua nas relações sociais, nas atividades econômicas e no equilíbrio do poder político. Entretanto, o autor argumenta que a cidadania só será eficaz à medida que o cidadão agir de tal maneira que a sua humanidade e a do outro se tornem um fim, ou seja, quando passa a assumir a sua responsabilidade de militante do pacto e do contrato por ele assumido para viabilizar relações de busca de equidade. A cidadania “se afirma pela participação ativa, responsável e solidária na comunidade local e vai se transbordando até assumir as responsabilidades humanas universaliza-

das” (SILVA NETO, 2016, p. 119). A cidadania horizontal, fundada no contrato social, é pautada no estado democrático e na cidadania participativa, é definida como uma conexão solidária que os cidadãos tecem entre si, que excede as dimensões físicas e administrativas do Estado e do governo. Sendo assim, a cidadania horizontal é definida como:

A relação solidária dos indivíduos entre si [...] Solidariedade que não é movida estritamente pelo sentimento religioso, mas pela consciência de humanidade e de alteridade. Não olha apenas o interesse das partes em relação ao todo, mas também os interesses das partes entre si (SILVA NETO, 2016, p. 117-18).

Nesse cenário, a cibercultura torna-se um motor propulsor à promoção da cidadania horizontal, uma vez que potencializa a conversa entre os sujeitos, possibilitando tecer em rede diferentes pontos de vista, ampliando o acesso de determinados grupos até então marginalizados, possibilitando novas articulações dos modos de se organizar e de se mobilizar em prol de uma cidadania solidária que, segundo Silva Neto (2006, p. 118), “leva o indivíduo esclarecido a lutar por sua parte da vontade geral e, ao mesmo tempo, auxiliar para que os outros a possam alcançar”.

Por outro lado, Foucault (2006) destaca a necessidade do “cuidar de si”, um cuidado que precisamos ter conosco permanente para que não sejamos produtores de atos de violência em nossas (micro) vivências, um cuidado ético-político no sentido grego, um cuidado ‘desindividualizado’, contrário ao cuidado de si moderno, que é voltado para individualização do sujeito, é um cuidado de si como prática da liberdade e que requer o outro.

O cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2006, p. 271).

O cuidado de si, argumenta Gallo (2015), leva Foucault a propor uma ética que seja uma estética da existência, a possibilidade de produção de uma vida não fascista, de uma vida centrada na produção

desejante de liberdade, uma relação de alteridade, e que possibilitasse uma ação política outra, para além da racionalidade totalitária. Gallo (2015) acentua que cuidar de si, construir-se eticamente é colocar-se na tarefa da luta contra o fascista que está em cada um de nós; não para “liberar-se”, mas domá-lo, para não permitir que ele emerja no exercício de seu gosto pelo poder. Mas, como pensar o cuidado de si para uma formação não-fascista na prática docente?

Essa questão nos leva a muitas rotas, de múltiplas teorias e epistemologias. Aos buscarmos respostas à questão, partilhamos das ideias de Silva, (2009) de que a docência deve propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões; provocar situações de inquietação criadora; e mobilizar a experiência do conhecimento. Essas ideias contribuem para o cuidado de si na prática docente, um vez que possibilitam estreitar as relações entre docente-discentes e discentes-discentes, estão voltadas para a interatividade e (co)autoria e requer a participação de todos. Por outro lado, a docência é instada a “suscitar a expressão e a confrontação das subjetividades, sabendo-se que a fala livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia” (SILVA, 2009).

Cuidar de si na prática docente nos conduz a estarmos abertos/as ao encontro, a uma experiência crítico-reflexivo em relação ao nosso tempo, sobre nós-mesmos/as, sobre as nossas próprias práticas. Isso requer cuidar de si como forma de cuidado com o outro - cuidado partilhado que mobiliza a tessitura do conhecimento junto e a (des-re) construção de sentidos para novas redes de (des)aprendizagens. No partilhar, os/as professores/as expõem práticas, vivências, saberes e experiências que contribuem para a produção do conhecimento, a partir das narrativas de si, segundo Nóvoa (2003). Todavia, de que maneira fazer a formação para uma vida não-fascista em tempos de cibercultura, tempos onde o ódio se constitui como política de conhecimento, como epistemologia – e autorizado na cultura?

EDUCAÇÃO *ONLINE* EM ATOS DE CURRÍCULO: PESQUISANDO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O cotidiano desta pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2014) foi produzido com cursistas da disciplina de Informática na Educação do curso de Pedagogia a distância Uerj/Cederj/UAB, a disciplina é componente curricular do quarto período do curso, ofertada em

doze polos que estão localizados em diferentes municípios no estado do Rio de Janeiro e totalmente *online*. O desenho didático da disciplina é inspirado na educação *online*, que emerge como um fenômeno da cibercultura (SANTOS, 2006; 2014), não é sinônima de educação a distância (EAD), se inspira nas práticas ciberculturais, exige um conjunto contextualizado de métodos e de práticas,

[...] pode ser vivenciada ou exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais, quanto a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou ainda, onde os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas (SANTOS, 2006, p. 125).

A educação *online* parte da concepção de atos de currículo (MACEDO, 2007; 2013), que são práticas educativas propositivas que buscam potencializar a colaboração, interatividade, (co)autoria e formação crítica-reflexiva na relação *todxs-todxs*. Os atos de currículo fundamentam-se em um currículo situado, pensando para uma determinada formação, aberto, em constante processo de (des-re)construção, praticado por sujeitos historicamente contextualizados, sujeitos-agentes curriculantes, e valoriza experiências e saberes cotidianos.

Atos de currículo nos possibilitam compreender como os currículos e os atores curriculantes mudam, como mudam seus significantes, ou como conversam, de alguma maneira, suas concepções e práticas, como definem as situações curriculares e têm pontos de vista sobre as suas questões, como entram em contradição, produzem ambivalências, paradoxos e derivas (MACEDO, 2013, p. 33).

Para a pesquisa em tela, trouxemos a “Aula 2 – Fascismo em rede: discurso do ódio”, conforme exposto na Figura 1, que foi um dos atos de currículo propostos para *xs* alunxs da disciplina, a aula foi arquitetada pelo ambiente Moodle, composta por artigos, vídeos, fóruns e site para a produção de histórias em quadrinhos, ou seja, atividades teóricas-práticas. O objetivo dessa aula foi promover a reflexão e o respeito; trazer problematizações sobre si e com *x* outrx; abordar as múltiplas formas de violência (simbólica, verbal, física, *online*) que acontecem

em nosso cotidiano; e promover a criatividade xs cursistas para autorias críticas-reflexivas relacionadas às práticas cotidianas.

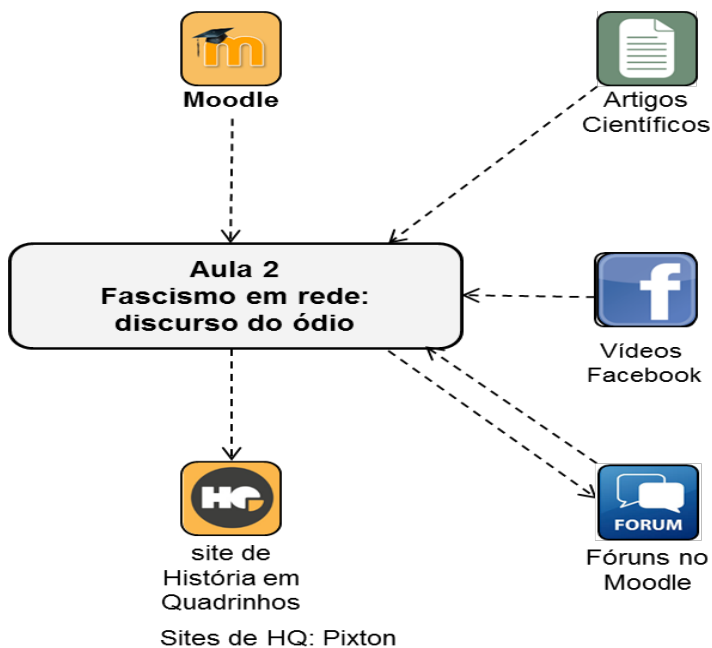


Figura 1: Dispositivo de pesquisa: Aula 2 – Fascismo em rede: discurso do ódio
Fonte: Ambiente Moodle

Os artigos que trouxemos para compor a “Aula 2” são desdobramentos de movimentos, mobilizações, denúncias, reflexões e discussões das mais viradas nuances da linguagem fascistas que reverberam em nossos cotidianos: O discurso do ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada; Estupro em potencial – para pensar a cultura do estupro; Como conversar com um(a) fascista: introdução; O jogo de linguagem fascista; O Brasil todo está falando da cultura do estupro hoje, mas ainda é pouco; assim como os vídeos partilhados: CQC vai atrás de um homem que humilhou haitiano; e Torcedores ingleses jogando moedas para as crianças refugiadas.

As atividades de discussão teóricas e de produção de HQ pelo Pixton deveriam ser partilhadas nos fóruns de discussão criados pela plataforma Moodle, que é meio comunicacional assíncrono que possibilita a comunicação todxs-todxs, a troca e o aprofundamento de ideias, as par-

tilhas de saberes e práticas, a construção do conhecimento de modo colaborativo e horizontal (SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016). Os fóruns criados para a “Aula 2” foram:

- Fórum 1 – Artigo: Como conversar com um(a) fascista: introdução; O jogo de linguagem fascista; + Vídeo Facebook: CQC vai atrás de um homem que humilhou haitiano; Torcedores ingleses jogando moedas para as crianças refugiadas.
- Fórum 2 – Artigo: O Brasil todo está falando da cultura do estupro hoje, mas ainda é pouco; O discurso do ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #euñomereçoserestuprada; Estupro em potencial – para pensar a cultura do estupro.
- Fórum 3 – HQ (Pixton): Compartilhamento das histórias em quadrinhos.

Consideramos a “Aula 2” um dispositivo de pesquisa - “organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (ARDOINO, 2003, p. 80). Ou seja: dispositivos disparadores de dados da pesquisa: narrativas, imagens, textos, vídeos, som. Dados esses que discutiremos a seguir.

PESQUISANDO NO/COM O COTIDIANO: PRÁTICAS PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE *ONLINE* NÃO-FASCISTA

As tessituras de conhecimentos, práticas e experiências expostas, nessa Seção, foram autorizadas pelxs participantes da pesquisa, elas aconteceram ao longo da “Aula 2 – Fascismo em rede: discurso do ódio”. As narrativas a seguir são desdobramentos das conversas que aconteceram na Aula 2/Fórum1, que abordava os artigos sobre o Fascismo e os vídeos de xenofobia:

Docente-pesquisador - Olá Turma! 😊 *Sejam bem-vindxs à nossa aula 2!*

Tomando por base os conteúdos estudados para esse fórum, vamos refletir todos e todas juntos sobre o fascismo e suas práticas, principalmente a do discurso do ódio. Qual o desafio do ato educativo nesse contexto e o papel da docência? Façam suas reflexões críticas e compartilhem aqui. Quem começa?

Cursista-Marta – [...] *É IMPORTANTE QUE SE FALE, SE DISCUTA E ARGUMENTE O PORQUÊ AS PESSOAS AINDA*

SÃO TRATADAS DE FORMA DIFERENTE POR CAUSA DE SUA COR, RAÇA, ETNIA E CLASSE SOCIAL.

Cursista-Gabriela – *Diante do discurso de ódio e disseminação da cultura da violência e intolerância, o desafio da educação é criar momentos esclarecedores, na escola, para a reflexão e discussão desta temática entre os alunos, professores, famílias e comunidade local. [...] Sugestões de ações: palestras, debates, feiras pedagógicas, encenação de peça de teatro, curta-metragem, produção textual, elaboração de cartazes e faixas para distribuir na escola e na comunidade local, criar fóruns de debate nas redes sociais.*

Cursista-Richard – *Olá, concordo que a escola é o espaço primordial da diversidade, local onde podemos promover o diálogo, estabelecer debates e expor diferentes visões [...].*

Cursista-Edê – *Olá pessoal, [...] a escola deve trabalhar em coletividade, enfatizando a integração e inteiração do conhecimento tendo por base a sociedade tão diversa que temos hoje em relação à religião, raça, cor, etnia, etc.*

As conversas que emergiram nesse “Fórum 1” foram potentes para nos ajudar a pensar uma formação não-fascista, por meio delas xs cursistas compartilharam e teceram múltiplas experimentações e expressões, argumentadas por Silva (2009), que são exposição de argumentos e questionamento das afirmações e a participação livre, o diálogo, a troca e a articulação de experiências. Isso fica evidente a começar pela fala da cursista-Marta ressaltando a importância da discussão da diferença, em seguida, a cursista-Gabriela fala que “o desafio da educação é criar momentos esclarecedores”, já o cursista-Richard salienta que a escola é um espaço para “promover o diálogo, estabelecer debates e expor diferentes visões” e “deve trabalhar em coletividade”, segundo o cursista-Edê.

É importante destacar nessas conversas a mobilização da experiência do conhecimento (SILVA, 2009) acionada pela cursista-Gabriela, na qual ela propõe ações para pensar o ato educativo não-fascista, tais como: “palestras, debates, feiras pedagógicas, encenação de peça de teatro, curta-metragem, produção textual, elaboração de cartazes e

faixas para [...] criar fóruns de debate nas redes sociais” (Cursista-Gabriela). Essas ações podem ser tecidas com as considerações de Silva (2009) quando discute que a docência deve desenvolver atividades que propiciem a livre expressão, o confronto de ideias e a colaboração, que foi também um dos objetivos dessa aula.

Já nas partilhas das falas de outrxs cursistas, no mesmo “Fórum – 1”, a escola continua “sendo um lugar para formar sujeitos conscientes de seu papel na sociedade como atores desse tempo” (cursista-Irene). Com isso, “não podemos desistir de formar cidadãos conscientes e capazes de transformar sua história” (cursista-Tay), “pois somente assim, aos poucos, poderemos promover mudanças e respeito ao próximo, banindo da sociedade toda e qualquer forma de preconceito” (cursista-Hugo). Essas falas dxs cursistas são partilhas das narrativas de si (NÓVOA, 2003), que são compreensões do mundo em que habitam, experienciam e praticam, narrativas voltadas para o cuidado de si, com o outro, com o social, que se dá no partilhar.

O fórum de discussão nessa aula possibilitou não somente uma discussão densa de uma temática, mas também partilhas, tomadas de posição, relatos de experiências, trocas de pontos de vista, ampliação dos repertórios culturais dxs cursistas, formulação de nossas possibilidades de problematização, tencionar as práticas cotidianas, tecer redes de aprendizagens e de saberes e de pensá-lo como um espaço para falar de nós mesmos. A escolha contribuiu para provocar situações de inquietação criadora, que pode “encorajar esforços no sentido da troca entre todos os envolvidos, juntamente com a definição conjunta de atitudes de respeito à diversidade e à solidariedade” (SILVA, 2009).

Com base nas experimentações (des/re)construídas nesse “Forúm 1”, identificamos que esse espaço online, que possibilita a comunicação todxs-todxs, é um espaço também para a promoção da cidadania horizontal (SILVA NETO, 2016) uma vez que cada participante contribui com suas vivências, informando e partilhando alternativas para outras formas de pensar e de propor a formação hoje, a partir de relações solidárias entre si.

Os relatos dxs discentes vão ao encontro do cuidado de si discutido por Foucault (1993; 2006) e Gallo (2015), um cuidado como princípio ético de si, ou seja, a ética de uma vida não-fascista, de transformar as nossas práticas e vivências cotidianas em ações políticas de si não-fascistas, a arte de produzir, coletivamente, uma vida não fascista. Nesse sentido, precisamos ficar atentos “aquele fascismo cotidiano do qual somos todos, a um só tempo, vítimas e agentes-, é urgente que se

construa uma outra moral. Não se deixar levar pela vaga dominante, não sucumbir” (GALLO, 2015, p. 363).

Os atos de currículo praticados nessa aula como conceito-dispositivo, levando em conta a práxis curricular, é um conceito-chave, um gesto político, um potente analisador das práxis curricular (MACEDO, 2013). Analisador esse que considera xs cursistas como produtor de cultura e de saberes, sujeitos situados historicamente, que têm seus desejos, ambivalências e contraposições, que está em constante processo de (des-re)construção e formação. Macedo salienta que:

[...] o currículo é uma construção/produção sociopedagógica, cultural e política, feita e refeita pelos seus atores/autores dentro de “dada” historicidade, coletivamente configurada, em que sempre se vivenciam certas hegemonias de cosmovisões de homem, de educação, de ensino e de aprendizagem (MACEDO, 2007, p. 95-6).

Arquitetar atos de currículos nessa “Aula 2”, a partir das práticas ciberculturais, requereu articular intersecções (POCAHY; DORNELLES, 2017) de distintos marcadores sociais de identidade e diferença, marcadores que nos ajudam na problematização dos processos de subjetivação, a discutir as múltiplas violências (micro)cotidianas em tempos de cibercultura e pensar-fazer uma formação docente não fascista.

Chamar a atenção dxs cursistas para práticas de viés fascista, foi uma aposta que fizemos para pensar a formação atuante na produção de vidas, cidadania, respeito, ética, política, democracia, pois por mais que tais práticas tentem enquadrar, conter, transmitir e determinar qual vida merece ou não ser vivida, o enquadramento sempre se rompe, como aponta Butler (2015). Por outro lado, ao tencionarmos e partilharmos sentidos e significados nas discussões sob as diferentes práticas fascistas, estávamos sendo formados com xs cursistas ao mesmo tempo que pesquisávamos e aprendíamos, tecendo formação, docência, atos de currículo e pesquisa em tempos de cibercultura (SANTOS, 2014).

(IN)CONCLUSÕES

Esta pesquisa-formação na cibercultura objetivou pensar-fazer a formação docente não-fascista de cibercultura, tomando por base problematizações do tempo presente, a partir do cotidiano da disciplina de “Informática me Educação”. Cotidiano rico e plural que fo-

menta atos de currículo para potencializar a tessitura de uma formação na prática docente. Para isso, seguimos inspirados nas apostas de Foucault, para quem, promover conduzir-se em uma vida não fascista, pressupõe que:

Liberem a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante. Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal. [...] Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. [...] É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária. [...] Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política. Não exijam da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”. Não se apaixonem pelo poder (FOUCAULT, 1993, p. 2).

O argumento de Foucault não deve funcionar aqui como uma regra, como um código moral, mas como a possibilidade de, ao acompanhar as condições de possibilidade que fizeram emergir um certo modo de vida principiado pela impossibilidade de suportar o agir de outrem, ampliar nossa coragem de dizer-praticar a verdade, como um princípio ético irreduzível. Isto é, empenhar-se em práticas educativas que confrontam e combate os (micro) fascismos cotidianos, isso convida-nos a experimentar movimentos de reflexão sobre si/ sobre nós mesmos/as, como forma de ampliação das margens de liberdade na relação com outrem, como ascese cotidiana da democracia.

FOR A NON-FASCIST TRAINING: TEACHING EXPERIMENTS IN CIBERCULTURE

Abstract: *cyberculture is the contemporary culture connected-structured by digital networks, culture in which fascist practices also occur:*

racism; chauvinism, LGBTIphobia, violence against women, xenophobia etc. This research aims to think about a non-fascist teacher training. The research was carried out in the “Computer and Education” discipline of a pedagogy course, in the context of “Class 2 - Network Fascism”, which contains articles, videos, discussion forums and a comic book production running by Moodle platform. In the daily life of the discipline investigated in this research-formation, we found narratives of students who articulated ideas for a non-fascist teaching practice; narratives about the school as a problematization space; and narratives about the fascism that is in us, in our practices. These narratives that are their reflections about learning for social participation in network, for inclusion and for difference.

Keywords: *Research-training on cyberculture. Fascism. Citizenship. The care of the self. Online teacher training.*

Notas

- 1 Empregamos no grupo de pesquisa o ‘x’ como forma de desobediência às inflexões de gênero binárias. Com isso, desejamos operar em consonância aqueles que não desejam ser interpelados sob qualquer forma de operação linguística de gênero.
- 2 Por questões éticas, informamos que os nomes dos interlocutores usados nesta pesquisa são fictícios.
- 3 A cisnorma consiste na manutenção de privilégios dirigidos a pessoas supostamente consideradas coerentes ao sistema corpo-gênero (anátomo-gendradas). Essa posição privilegiada teria como efeito regulatório e hierarquizador a interpelação abjeta e patologização da transexualidade - e mais amplamente da transgeneridade (POCAHY; DORNELLES, 2017, p. 125).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estação de exceção: homo sacer, II, I*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARDOINO, Jacques. *Para uma pedagogia socialista*. Brasília: PLANO editora, 2003.
- BENTO, Berenice. *Necrobiopolítica: quem pode habitar o Estado-nação?* Cadernos pagu, v. 53, 2018.
- BUTLER, Judith. *Quadro de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Corpos que ainda importam*. In: COLLING, Leandro (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 19-42.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michael. *O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*. São Paulo,

Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n. 1, 1993, p. 197-200.

FOUCAULT, Michael. Aula de 7 de janeiro de 1976. *Em defesa da sociedade*: Curso no collège de France (1975- 1976). Tradução Man Paulo, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 3-26.

FOUCAULT, Michael. Ética do cuidado de si como prática de liberdade. *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006, p. 264-287.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Volume 1, 2017.

GALLO, Silvio. Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GUATTARI, Felix. *A revolução molecular*: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 3º edição, 1987.

LEMONS, André. Cibercultura como território recombinante. In: MARTINS, Camila Duprat; CASTRO e SILVA; MOTTA, Renata (Org.). *Territórios recombinantes*: arte e tecnologia/ debates e laboratórios. São Paulo: Instituto Sergio Motta, p.35-48, 2007.

LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura*. Porto Alegre: Sulina, 4 ed. 2008.

LEMONS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMONS, André; LÉVY, Pierre (Org.). *O futuro da internet*: em direção a uma democracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. (coleção Trans).

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LUCENA, Simone. Cultura digital e educação do século XXI. In: LUCENA, Simone (Org.). *Cultural digital, jogos eletrônicos e educação*. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 11-16.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Currículo, diversidade e equidade*: luzes para uma educação intercultural. Salvador: EdUFBA, 2007.

MACEDO, Roberto Sidney. *Atos de currículo e Autonomia Pedagógica*: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MBEMBE, Achille. Necropolíticas. *Arte & Ensaios/Revista do ppgav/eba/ufjr*, n. 32, dezembro de 2016.

NÓVOA, Antônio. Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência. *Texto da palestra proferida no 1º Colóquio Internacional de Políticas Curriculares*, no dia 13 de novembro de 2003.

POCAHY, Fernando. O clamor da diferença letal: educar em Estado de Exceção. *Revista Nanduti*, v. 6, n. 8, p. 09-22, 2018.

POCAHY, Fernando, A.; DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero, sexualidade e envelhecimento: mapeando a pesquisa e a intervenção social LGBT no Brasil. *Journal of Studies in Citizenship and Sustainability*, n. 2, 2017. Disponível em: <http://civemorum.com.pt/artigos/1/JSCS.2_Pocahy&Dornelles_p123.138.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. Cartografias Queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia da “Zorra” com Annie Sprinkle. *Revista Performatus*, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; SANTOS, Rosemary dos. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2018.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da Comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa Oliveira. Educação online como campo de pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais. In: SANTOS, Edméa; ALVES, L. *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SANTOS, Edméa Oliveira. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edméa Oliveira; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; PIMENTEL, Mariano. Mediação docente para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. *Revista Educação Temática Digital (ETD)*, Campinas: SP, v. 18, n. 2, p. 23-42, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8640749/12238>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

SILVA, Marco. Educação presencial e online: sugestões de interatividade na cibercultura. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (Org.). *Cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009, p. 166 (Coleção ABCiber, v.1), online. Disponível em: <<http://abciber.org.br/publicacoes/livro1/textos/educacao-presencial-e-online-sugestoes-de-interatividade-na-cibercultura/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

SILVA NETO, José Leite. *Horizontalidade e verticalidade da cidadania*. São Paulo: Bauru, Editora Spessotto, 2016.